

PAMPULHA PARA TODOS

Antônio Álvares da Silva

Professor titular da Faculdade de Direito da UFMG

A política da atual administração municipal, de interditar trechos de ruas ou a própria rua para lazer da população em certos dias da semana, é sem dúvida uma grande medida.

Todo administrador tem que pensar nas coisas grandes, nos planos genéricos e amplos, mas não pode esquecer o dia a dia do cidadão. O homem vive na realidade concreta de suas atividades. Trabalha, dorme, alimenta-se, faz e recebe pagamentos, dirige carro, cuida da saúde, leva e busca filhos nas escolas. Se este cotidiano, composto de milhares de pequenas tarefas, transcorre num ambiente de normalidade, seu dia é feliz e produtivo. Se há falhas, há irritação e ansiedade.

Boa é a administração que, sem esquecer os grandes problemas, também resolve os pequenos.

Nossa cidade é pobre em lazer e áreas verdes. Pouco adianta a referência a parques famosos, pois a maioria da população deseja algo perto de sua casa ou pelo menos no seu bairro, onde possa gozar de alguns minutos de paz e tranquilidade, pelo menos um dia na semana.

E aqui é que entra a interdição de ruas, para lazer. Além de servir aos interesses do povo, contribui para a saúde coletiva, pois havendo facilidade a pessoa se exercita. Faz caminhada e pratica algum tipo de esporte.

A interdição de parte das margens da represa da Pampulha foi uma providência louvável sob todos os aspectos. A população ganhou 3,2 km de área livre, num dos lugares mais bonitos do mundo. Vimos velhos, moços, crianças e pais, ricos e pobres, todos congregados num passeio saudável e democrático nos últimos fins de semana.

Como a interdição é de todo o leito da Av. Otacílio Negrão de Lima, no local que vai da rua São Tomé do Príncipe até a Rua das Nações, considera-se a quilometragem de maneira dobrada. São, portanto, 6,4 km para uso popular.

Aqui vai outra sugestão para a Secretaria de Esporte, Lazer e Turismo. A Prefeitura interditou o trecho entre as ruas Arnaldo Cathauld e Braúna para construção de rede de esgoto. O tráfego foi desviado e fluiu muito bem. Por que não tornar este bloqueio definitivo, nos fins de semana, entregando mais 2 km de lazer à população? Trata-se de ponto com vista privilegiada do lago, propício às caminhadas e ao descanso.

Com estas duas simples medidas, a cidade ganhará cerca de 6 km, um terço das margens da Lagoa, para lazer. Quanto custa este imenso "parque"? Nada. E quais os benefícios? Todos os possíveis. Ao lado do parque Francisco Lins do Rego temos um outro, do mesmo significado, só que a custo zero.

Note-se que não há prejuízo a ninguém. Os moradores não serão prejudicados, pois terão amplo acesso a suas casas. O trânsito escoará normalmente pela Av. Portugal, que o comporta perfeitamente. Portanto só há vantagens.

Mas esperamos mais. O lazer é hoje enumerado pela Ciência Jurídica, como um direito humano. Já figura nas declarações de direito modernas. Indica a vitória do homem sobre as coisas e o predomínio da natureza sobre o dinheiro e a ambição.

Belo Horizonte está entrando nesta nova era. Por isto nosso desejo é que estes trechos não sejam fechados apenas nos domingos, mas em todos os dias da semana, porque o lazer e o descanso são exigências diárias e não apenas semanais.

Eis aqui o passo fundamental: parte das margens do Lago será do povo e não de automóveis e caminhões. A Pampulha deixará de ser um cartão de visita para ser um cartão vivido pelo povo de nossa cidade. Se a gestão atual conseguir este objetivo, vai ser lembrada para sempre na história de BH.

(Publicado no Jornal Hoje em Dia em 03/11/2009)